

UFRRJ

ANO 1 | Nº 02 | Novembro - Dezembro 2008

EXE

www.ufrrj.br/portais/zealista_ext/revista.html

VII Semana de Extensão

Mais de 60 projetos ganham espaço

Idosos

Convivência social e qualidade de vida

Amazônia

Grupo de estudos em estágio de vivência

FEAC

Ações culturais para as comunidades

Tratamento de Água

Cidadania e capacitação de professores e alunos

Avaliação de Extensão

Diálogo permanente com a sociedade

Sementes da Reintegração

Curso transforma detentos em agentes de reflorestamento





Laboratório do Instituto de Química

Nosso saber está na natureza.





Capa: Estudantes da UFRRJ
e comunidade ribeirinha
Projeto: Estágio de Vivência

5 Editorial

Sementes de água em covas verdes de esperança.

6 VII Semana de Extensão

Mais de 60 projetos de extensão ganham espaço.

8 Tratamento de Água

Cidadania e capacitação de professores e alunos.

10 Sementes da Reintegração

Curso transforma detentos em agentes de reflorestamento.

12 Amazônia

Grupo de estudos em estágio de vivência.

16 FEAC

Ações culturais para as comunidades.

18 Idosos

Convivência social e qualidade de vida.

20 Avaliação de Extensão

Reflexão, excelência e diálogo com a sociedade.

22 Direitos Humanos na Baixada Fluminense

Artigo do professor Paulo Cosme de Oliveira.

Ricardo Motta Miranda – Reitor

Ana Maria Dantas Soares – Vice-reitora

Ana Lúcia dos Santos Barbosa – Decana de Assuntos Administrativos

Eduardo Mendes Callado – Decano de Assuntos Financeiros

Azarias Machado de Andrade – Decano de Assuntos Estudantis

Nidia Majerowicz – Decana de Ensino de Graduação

José Cláudio Souza Alves – Decano de Extensão

Áurea Echevarria – Decana de Pesquisa e Pós-Graduação

Aloísio Jorge J. Monteiro – Assessoria de Desenvolvimento Institucional

Teresinha Sena Pacielo – Assessoria de Informação e Comunicação

Maurício Rocha Lucas – Assessoria de Infra-estrutura Institucional

Clarindo Aldo Lopes – Assessoria de Produção Integrada Institucional

José Antônio Pimenta Barros – Chefe de Gabinete

Gilberto Silva Reis – Diretor da Imprensa Universitária

DECANATO DE EXTENSÃO

www.ufrj.br/portal/extensao/ / e-mail: dext@ufrj.br

Campus Universitário da UFRRJ - Pavilhão Central - Sala 67
BR 465 Km 7 - Seropédica - RJ - CEP: 23890-000
Telefax: 0xx 21 2682-1113 / Tel.: 0xx 21 2682-1220 Ramal: 479

REVISTA EXTENSÃO

www.ufrj.br/portal/revista_ext/revista.htm
e-mail: revistaextensao@gmail.com

Diretor: José Cláudio Souza Alves

Coordenador: Nildo Marques

Editor: Fernando Menucci

Redatores: Fernando Menucci e Jaqueline Felix

Projeto Gráfico e Diagramação: Nildo Marques

Fotografia e Edição de Imagens: Salette Pena

Colaboradoras:

Celeste Regina dos Anjos Becker
Luanda Santos da Silva

Campanha Publicitária UFRRJ:

Nildo Marques e Salette Pena

Produção Gráfica: Decanato de Extensão

Impressão: Imprensa Universitária - UFRRJ

A Revista Extensão é uma publicação bimestral do Decanato de Extensão da UFRRJ. As idéias dos entrevistados e os artigos assinados não expressam necessariamente a opinião da revista. É proibida a reprodução total ou parcial de textos, fotos ou ilustrações, por qualquer meio, sem autorização. Editada e distribuída pela UFRRJ.

Distribuição interna: Reitoria, Pró-Reitorias, Departamentos, Institutos Multidisciplinares, Grupos Organizados e estudantes.
Distribuição externa: Campus UFRRJ - Três Rios, Pró-Reitorias de Extensão das universidades públicas, Secretaria Estadual de Educação, Prefeituras, Secretarias Municipais de Educação e Escolas da Rede Pública dos municípios vizinhos.

Tiragem: 2.000 exemplares
Número 02 - Ano 1



A extensão, freqüentemente, é definida por aquilo que ela não é. Ou seja, ela é tudo o que não for ensino: disciplina, aula, nota, prova etc, ou que não for pesquisa: pós-graduação, iniciação científica, laboratórios, projetos de pesquisa etc.

Progressivamente, essa concepção vem dando lugar àquela na qual a extensão estabelece uma relação fundamental com o ensino e a pesquisa, potencializando-os e dando-lhes um caráter novo, de interação com a sociedade e transformando-a.

A água deixa de ser o H₂O e se transforma na lúdica brincadeira de crianças que a observam, vêm sua condição poluída, a purificam, reconhecem sua importância, aprendem a preservá-la e criam uma peça teatral infantil para ajudar outros a refletirem sobre ela.

Em outro caso, a preservação da água de um rio fundamental para a sobrevivência de milhões de pessoas, como é o caso do Rio Guandu, permitirá a qualificação de apenados, que se transformam em agentes ambientais, responsáveis pelo reflorestamento das margens do referido rio. Águas lúdicas nas mãos de crianças, lavam agora as trajetórias sofridas dos que são punidos, permitindo-lhes uma nova forma de ver as coisas. Recuperam-se ao recuperar um rio. Plantam seus novos destinos. Sementes de água em covas verdes de esperança.

Para o Grupo de Estudos da Amazônia - GEA, a água é o grande caminho. Rios da região amazônica que recortam imensas regiões. A água dá o acesso, dá o peixe, dá o encontro, dá o açaí e permite às Casas Famílias Rurais, que na sua pedagogia da alternância imita as marés, receber estudantes da Rural nessa imersão completa na vida das populações ribeirinhas. Lúdica e regeneradora, a água torna-se o grande meio que aproxima culturas, valores, sofrimentos, lutas e conquistas.

A extensão é, assim, a intencionalidade que transpõe idade, grades, regiões, culturas, projetos de vida e permite o encontro com o outro: desconhecido, diferente, discriminado, desqualificado. A partir deste encontro, nada mais será como antes na vida de todos os envolvidos. Nasce algo íntimo, belo, muitas vezes inclassificável nos manuais científicos. Eis aí a extensão.

José Claudio Souza Alves
Decano de Extensão

Três anos em uma Semana

Apresentando os projetos iniciados desde 2005, a VII Semana de Extensão veio trazer a toda a comunidade uma idéia do que vem sendo feito no decanato de extensão, além de diversas atrações culturais e acadêmicas

O evento já é conhecido de todos, afinal, a semana de extensão é realizada em todos os anos pares na UFRRJ. Mas o que se viu de 29 de setembro a 3 de outubro pelos diversos institutos da universidade foi algo bem diferente (e além) das expectativas.

A primeira diferença está justamente no fato de as atividades terem ocorrido em mais de um local do campus. As semanas de extensão realizadas nos anos anteriores sempre concentraram suas atividades exclusivamente no Pavilhão Central da universidade, o popular P1. José Cláudio Souza Alves, decano responsável pela extensão, acredita que, embora o P1 tenha uma localização central e comporte a área administrativa da Rural, além dos cursos de Física e Matemática, o ideal seria espalhar as atividades pelos demais institutos. Assim, os projetos poderiam se aproximar um pouco mais dos cursos aos quais têm afinidade, bem como serem expostos à comunidade acadêmica.



Cerimônia de Abertura da VII Semana de Extensão

Outra importante diferença da VII Semana de Extensão para as anteriores foi o fato de que não apenas os projetos do período foram apresentados. Na verdade, a intenção foi a de dar uma idéia de todo o trabalho feito pelo decanato desde que a nova direção o assumiu, em 2005.

Desta forma, mais de 60 projetos ganharam espaço, de maneira que a universidade pudesse conhecer o que vem sendo feito em termos de extensão, pois os três anos do atual decanato garantiram um salto no investimento em projetos de extensão. “Quando cheguei aqui, não existiam estas bolsas de extensão. Criamos um programa que privilegia projetos voltados para a comunidade de Seropédica”, revela o decano.

Com a participação de palestrantes que são verdadeiras referências em suas respectivas áreas, a VII Semana de Extensão trouxe aos alunos da Rural os mais variados assuntos. “Mantivemos as mesas temáticas com palestrantes de fora da universidade, o que já é uma tradição neste tipo de evento. E estes palestrantes trouxeram boas contribuições”, explica o decano.

Comentando sobre os palestrantes, o decano destacou alguns. A primeira foi a professora antropóloga Luitgarde, muito reconhecida e considerada no meio acadêmico, especialmente entre os que discutem processos políticos, educacionais e econômicos. “Ela tem uma visão muito globalizada”, elogiou.



Participação do Centro de Arte e Cultura, com o projeto “Qué Pintá?”

Outro palestrante citado foi o professor Mohamed Habib, pró-reitor de extensão da Unicamp. Segundo José Cláudio, ele “trouxe uma contribuição muito boa, comparando a área de produção de conhecimento do Brasil com as de outros países. Ele tem um profundo conhecimento neste campo e abordou de maneira pertinente a questão das patentes”. Em sua apresentação, Mohamed citou dados alarmantes a respeito das patentes brasileiras e de toda a produção tecnológica nacional.

Além destas e outras palestras, aconteceram exposições e oficinas diversas durante os cinco dias e nos três turnos: manhã, tarde e noite. Foram vistas partidas múltiplas de xadrez, grupos teatrais, shows, cinema de animação, artes plásticas e exposições de coleções.

Qualidade x Frequência

Apesar da quantidade de atrações de alto nível, a VII Semana de Extensão não foi considerada um sucesso absoluto por seus principais realizadores. Orlando Marques, coordenador do FEAC (Fórum de Extensão, Arte e Cultura) e responsável direto pelo evento, lamentou o fato de uma oficina de “não à violência” ter sido cancelada por falta de público. Ele acrescenta que a mesma equipe que estava à frente da oficina ainda fez alguns shows musicais no Gustavão, sempre com público reduzido.

José Cláudio também mencionou a falta de participação dos alunos no evento. “Temos reparado que

a frequência e a presença nestas semanas têm sido reduzidas. Poderia ser maior. Nosso desafio é discutir um jeito de haver acesso dos estudantes nestes eventos de grande qualidade que temos feito. Sabemos que a divulgação interfere bastante”, sugere.

Quando perguntado se a VII Semana de Extensão atingiu seus objetivos, o decano não titubeia: “Em parte, o que eu almejei foi feito. Mas o que percebemos com mais dificuldades é a presença e a participação das pessoas. Talvez isto ocorra porque as aulas não param, diferente do que acontece com os eventos específicos dos cursos. Outras universidades fazem eventos conjuntos, em que as atividades são interrompidas para que os alunos possam participar”.

Segundo José Cláudio, a presença da comunidade também foi menor do que poderia ser. O professor menciona que há um “divórcio” histórico entre a população e a universidade. “A Rural tem 3.600 hectares de terra sem cerca, mas há um muro invisível. As pessoas da cidade não sabem o que existe aqui dentro, o que é feito. Falta despertar o interesse das pessoas pela cultura”, sentença.

De olho no futuro, José Cláudio e Orlando Marques começam a analisar o que foi realizado na VII Semana de Extensão, visando ter um efeito ainda mais contundente em 2010. Não há dúvidas de que o evento agradou e surpreendeu positivamente a todos. A qualidade chamou a atenção geral. Impressionou tam-



Feira dos Artesãos prestigia a VII Semana de Extensão

bém a velocidade com que tudo foi planejado e executado.

“Há dois meses, pensamos que talvez a semana de extensão não acontecesse. Daí, constituímos uma coordenação para tomar a dianteira da organização do evento. Esta comissão foi composta por mim, professora Katherina, da Parasitologia, as professoras Nicéas e Maria Emília, ambas de Economia Doméstica e o professor Nilton, do departamento de Psicologia”, revela Orlando Marques, que faz questão de dividir os louros do bom trabalho com os companheiros.

A julgar pela vontade de seus realizadores e as palavras do decano José Cláudio, a próxima semana de extensão tem tudo para inovar ainda mais do que esta. A intenção é estudar uma forma de atingir de maneira mais eficaz o povo de Seropédica, sem se distanciar da comunidade acadêmica. Ações em conjunto com os institutos e atividades fora dos limites da universidade são algumas das possibilidades estudadas desde já.

Ainda há muito tempo até lá. Independente do que seja decidido e planejado, uma certeza podemos ter: nas mãos desta equipe, dificilmente uma semana de extensão simplesmente repetirá a fórmula da anterior. Resta-nos aguardar 2010 para saber o que vem por aí. 



Com repertório arrebatador, Coral da UFRRJ participou do evento

Água Limpa pelo bem da Sociedade e do Meio Ambiente

Projeto de formação continuada do DEQUIM promove cidadania e capacitação de professores e alunos estudando o tratamento da água do rio Guandu

Em tempos de aquecimento global, redução dos recursos hídricos e deterioração do meio ambiente, é fundamental que a sociedade entenda cada vez mais o que é sustentabilidade, para que possa viver em harmonia no Planeta. Por isso, professores e alunos da UFRRJ, coordenados pelo DEQUIM - Departamento de Química, junto com técnicos da CEDAE e professores da rede pública, estão trabalhando no projeto "Formação Continuada de professores: o Processo Físico-químico do Tratamento da Água - Ensino, Ciência e Tecnologia".

Aprovado em agosto de 2006, no Programa de Bolsas Institucionais de Extensão por Edital da UFRRJ, o projeto tem contribuído para aperfeiçoar a formação de estudantes da licenciatura em Química, de professores e alunos de escolas dos ensinos Fundamental e Médio em Seropédica. Entre as escolas que participam estão: o CAIC Paulo Darcoso Filho, CIEP 155 Nelson Antelo Romar e Colégio Estadual Walde-mar Raythe.

Escolhido por sua importância para a construção da cidadania, o tema da iniciativa é muito relevante do ponto de vista social porque divulga como é realizado o tratamento da água que chega até a casa da população. Para isso, a iniciativa utiliza como objeto de estudo a Estação de Tratamento de Água do rio Guandu (ETA-Guandu), que abastece o município do Rio de Janeiro, Baixada Fluminense e município de Itaguaí. Apesar de ser considerada a maior estação de tratamento de água do mundo, grande parte das pessoas não tem muita idéia do que acontece atrás de seus muros.

A prof.^a Aparecida Cayoco, do DEQUIM/UFRRJ, lembra que a população, principalmente do entorno

do Guandu, não pode ficar alheia à sua atividade que é fundamental para a qualidade de vida. A ação consciente do cidadão passa pelo conhecimento do local e das atividades de sua vizinhança. Após a captação, a água do Guandu passa por tratamentos físicos e químicos: gradeamento, desarenação, coagulação, floculação, decantação, filtração, desinfecção e fluoretação. "A água que era barrenta, turva e insalubre, torna-se pura e cristalina, própria para o consumo. Cada um desses processos é estudado teórica ou praticamente", explica Cayoco.

Além de permitir o estudo das propriedades químicas e físicas da água, dos processos de tratamento da água, o projeto também cria a oportunidade de discussão sobre assuntos relacionados, como a poluição do ambiente e dos rios, o destino do lixo e das águas servidas (redes de esgoto, valões e outras). Outros grandes benefícios proporcionados são a melhoria do desem-

penho dos futuros professores de química, tanto pela vivência em atividades de sua futura profissão quanto pelo aprofundamento acadêmico, uma vez que os estagiários realizam trabalhos de fim de curso, como monografias, sobre os temas envolvidos.

Além do universo acadêmico

Não é por acaso que uma das metas do projeto é sair das fronteiras da universidade para atingir as comunidades vizinhas à Rural, democratizando o acesso às informações científicas e mostrando a importância do comprometimento com as questões relativas ao uso e tratamento da água. O projeto já foi apresentado a comunidades dos municípios de Seropédica e Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro.

Para Aparecida Cayoco, outro dos benefícios da ação é estimular a reflexão das comunidades sobre



Aula experimental com alunos do ensino fundamental (CAIC Paulo Darcoso Filho).

Alunos do ensino médio (Colégio Estadual Waldemar Raythe) visitam captação de água na Estação de Tratamento de Água (CEDAE - Guandu)

seus direitos como cidadãos e sua responsabilidade social de não degradar o ambiente, sobretudo a água. “Quando as pessoas compreendem os processos a que são submetidos os recursos naturais, elas tendem a aumentar a fiscalização e a exigência em relação ao meio ambiente e aos serviços prestados por governos e empresas concessionárias. Todo cidadão precisa ter conhecimentos básicos sobre as relações entre ciência, tecnologia, meio ambiente e sociedade para tomar decisões em seu dia-a-dia. Nossa idéia é despertar na população o interesse pela ciência”, diz.

Toda boa oportunidade para a divulgação do trabalho é sempre bem-vinda na opinião da professora Cayoco, que o apresentou no evento “Rural de Portas Abertas” nos anos de 2006, 2007 e 2008 e já avalia a possibilidade de passar a exibir um

vídeo da peça de teatro sobre a importância da água e do tratamento, encenada pelos alunos do CAIC.

O projeto tem como principais metas realizar melhorias na educação inicial dos alunos da UFRRJ e na educação continuada dos professores dos ensinos Médio e Fundamental. Para isso, alunos e professores são capacitados em técnicas de laboratório e simulações de tratamento de água no DEQUIM da Rural. Cabe à equipe, principalmente aos estagiários do projeto, a tarefa de auxiliar os professores das escolas nas aulas teóricas e práticas sobre o tema e orientar visitas à Estação de Tratamento do Guandu. Depois, os professores rediscutem o tema em suas aulas, com outros enfoques e têm o acompanhamento da equipe do projeto, quando solicitado. Então, está formada a cadeia de multiplicação de conhecimentos. 

Público atendido pelo Projeto até outubro de 2008

- Dez professores em exercício da rede pública de ensino;
- Vinte estudantes licenciados em Química;
- Cento e oitenta alunos do município de Seropédica.

Principais benefícios

- Maior participação das comunidades nos problemas sócio-ambientais;
- Melhoria do ensino do nível Fundamental, Médio e Superior;
- Produção de materiais didáticos;
- Publicação de artigos e monografias.

Sementes da Reintegração

Projeto de reflorestamento em parceria com a CEDAE oferece treinamento, ocupação e, principalmente, uma nova oportunidade de vida a presidiários

Quando se pensa em um presidiário, a primeira coisa que nos vem à mente é o seu passado. O que ele deve ter feito? Como e por que foi parar ali? A condição de detento o classifica como criminoso e, conseqüentemente, perigoso. Felizmente, há quem pense diferente disto. Para Tarci Gomes Parajara, professor responsável pelo projeto Formação de Agentes de Reflorestamento, há muito mais a se enxergar. Na verdade, há todo o futuro de uma pessoa pela frente.

Com este pensamento em foco, o projeto traz detentos de um presídio em Magé (Agrícola) para dentro da Rural, a fim de que possam participar do reflorestamento do rio Macuco e do rio Guandu, com isso, ganhar uma nova perspectiva na vida. A universidade entra com o local e o material humano, enquanto que a CEDAE oferece toda a estrutura financeira e o material, além de intermediar o contato com o presídio, contratando a mão-de-obra. Apesar de tudo parecer uma grande ousadia, um grande risco, Tarci garante que a iniciativa, lançada no início do ano, é um sucesso (vide a formatura da primeira turma, realizada no Palácio Guanabara).

"Houve quem perguntasse como eles iriam se comportar. Até agora, foram maravilhosamente bem. Não tive problema algum" vibra o professor Tarci.

Os detentos são selecionados pela própria CEDAE, que já trabalha com este tipo de mão-de-obra há mais de quinze anos. Só detentos que apresentem bom comportamento são considerados aptos para um trabalho externo. Na verdade, o processo tem início com atividades internas, onde o detento trabalha em indústrias localizadas dentro do próprio presídio. Posteriormente, como uma evolução, ele fica apto a trabalhar fora. Alguns com direito a visitar a família duas vezes ao mês.



Alunos e instrutores do curso de formação de agentes de reflorestamento

Uma vez que os detentos trabalhavam de segunda a sexta-feira fora do presídio, a CEDAE conseguiu liberação para que eles pudessem também participar de um treinamento aos sábados. E é aí que entra a Extensão da Rural.

"Aqui eles fazem o curso de formação de agentes de reflorestamento. Este vem em nível básico, com uma fundamentação legal a partir da nova LDB, de 1996, que organiza a educação profissional. Propomos a eles o nível básico, para o qual só precisam ser alfabetizados, uma vez que eles apresentam graus variados de escolaridade", revela o professor.

No curso de formação de agentes de reflorestamento, os detentos podem acompanhar as informações com os melhores recursos tecnológicos e pedagógicos possíveis. Tudo financiado pela CEDAE. Há lupus para o ensino de botânica e data-show para as disciplinas em geral, de maneira que os alunos tenham sempre o melhor material institucional e pedagógico possível. Tanto em textos como em vídeos ou imagens.

Reflorestamento do Rio Guandu

O projeto em questão faz parte de um programa maior, que visa a reconstituição das matas ciliares dos rios Guandu e Macacu. O reflorestamento do primeiro ficou ao encargo do Comitê Guandu, do Instituto de Florestas e com o patrocínio da Petrobrás. Como a CEDAE não ficou neste grupo, ela manteve apenas o rio Macacu, que abastece Niterói, São Gonçalo e região.

A demanda pelo reflorestamento se iniciou com um ganho judicial da CEDAE contra a empresa "Águas de Niterói", processada devido a uma privatização dos serviços de água e esgoto, em que foram vendidos, erroneamente, materiais e bens da CEDAE, que pediu um ressarcimento. A justiça deu ganho de causa, mas exigiu que estes recursos fossem usados na recuperação ambiental. Diante disto, surgiu a necessidade de se investir em meio-ambiente. Daí veio a idéia de se recuperar as matas dos principais rios da região, que estão em processo de degradação ambiental.

A recuperação vem ao encontro desta questão judicial e ainda provocará uma diminuição dos custos no tratamento da água ao longo dos anos. "É uma iniciativa que atende a interesses ambientais e econômicos, além de colaborar com toda a comunidade. Diminui o custo da CEDAE e traz um bom impacto visual e ambiental para todos. Estão previstas mais de 5 milhões de árvores", avisa Tarcí.

Recuperação de matas e de perspectivas

Pode não ser fácil de acreditar, mas estes homens, com situação socialmente complicada, foram recebidos da melhor forma possível na universidade. Os conteúdos das disciplinas foram estruturados em um currículo espiral, de maneira que haja uma integração entre todas as disciplinas até a última. Para os regentes, priorizaram-se alunos formados, tanto das licenciaturas como dos bacharelados.

Com uma grande interação entre a teoria e o trabalho prático, o treinamento envolve 24 sábados (200 horas teóricas) e mais o período prático no campo de trabalho (800 horas práticas). Com isso, cada detento faz um curso de 1000 horas. O certificado vem não só pelo que se aprende em aula, mas também pela experiência no trabalho.

Dividido em três níveis, o curso apresenta, principalmente, disciplinas relacionadas a botânica, ética e cidadania. Desta forma, prepara-se um profissional de maneira mais



Formatura da primeira turma de agentes de reflorestamento, no Palácio Guanabara

completa, sem apenas dar orientação técnica. Há aulas a respeito de desenvolvimento sustentável, legislação ambiental e até mesmo disciplinas que visam preparar os agentes de reflorestamento para lidar com agricultores que certamente estarão em seus caminhos. O curso termina com uma disciplina chamada "Planejamento, Gestão e Projetos", que orienta os alunos a produzirem e a apresentarem seus próprios projetos de reflorestamento ou recuperação ambiental.

"Estamos sempre vendo o profissional pela frente, mas sem esquecer do ser humano que está ali. Sabemos do impacto que uma iniciativa como esta pode ter na violência urbana, mas não nos interessa o que cada um fez para estar ali. Nossa função sempre foi a de educar", sentenciou o coordenador do projeto.

Além do contato aos sábados, os regentes do curso fazem visitas periódicas à área de trabalho dos apenados (como são chamados), onde podem estar com os residentes florestais, onde os trabalhadores/alunos explicam o que têm feito nas últimas semanas. Este processo é chamado de "aula invertida" e é mais uma forma de acompanhamento oferecida pelo projeto.

Como coroação do sucesso obtido, alguns detentos já chegaram a sugerir a existência de um segundo curso, para que eles possam continuar vindo na universidade. Isto indica que pelo menos um dos objetivos foi alcançado antes mesmo da conclusão do processo: estimulá-los a pensar em recomeçar sua vida. O sucesso do projeto é tão grande que chegou até a despertar a admiração do governador. Empolgado, Tarcí acredita que "nenhum deles será como era antes, após passar pela universidade. Trabalhamos com cidadania, auto-estima e dignidade".

Apesar de todo o reconhecimento, Tarcí crê que ainda há muito mais a ser feito. Para ele, a universidade deve ser vista como uma integração com a comunidade em geral.

"Minha expectativa é que a divulgação destas ações estimule professores a arregaçar as mangas e sair para a sociedade, abrindo as portas e os recursos da universidade. Temos vários espaços e capacidade instalada, além de recursos humanos tanto em professores quanto alunos".



Preparo dos canteiros de mudas para o reflorestamento

Grupo de Estudos da Amazônia

Conheça o grupo de estudantes que realiza estudos dos mais variados temas a respeito da região amazônica, visando formação profissional por meio da troca de experiências com comunidades tradicionais ►



GRUPOS ORGANIZADOS



Foto: Acervo GEA

O cotidiano ribeirinho

Em uma grande universidade, um dos sentimentos mais comuns é a saudade de casa. Estudantes de todo o país acabam tendo de se afastar dos pais e dos amigos em busca do sonho de se formar na faculdade que desejam. Na maioria dos casos, a ida para a universidade significa se aproximar de um grande centro e iniciar uma carreira por lá, afastando-se cada vez mais da terra natal. Porém, na Universidade Rural, há um grupo que pensa de maneira bem diferente disto. Trata-se do GEA, o Grupo de Estudos da Amazônia.

Fundado em 2004 por alunos vindos das diversas regiões do país, o grupo inicialmente promovia estudos e pesquisas a respeito da Amazônia. A troca de informações era intensa e logo se percebeu que esse conhecimento poderia ser aproveitado também para a formação profissional de cada um.

Foi assim que se observou o potencial do que estava sendo desenvolvido. Para muitas profissões, a região Norte representa uma boa oportunidade de carreira. No entanto, com cultura e clima bem diferentes do que é visto no sudeste, nem sempre os ensinamentos e técnicas aprendidos aqui servirão para um local tão distante. É necessário passar por certas adaptações.



Estudantes participam da descasca de mandiocas para produção de farinha

Foto: Acervo GEA

Com este pensamento, os integrantes do GEA começaram a direcionar o conhecimento produzido para esta "especialização em Amazônia". Assim, começaram a realizar constantes reuniões de estudo, que abordam os mais variados temas: política, meio ambiente, agricultura familiar, cultura, educação, comunidades extrativistas, etc. Em 2005, o

GEA oficializou-se como Grupo de Extensão cadastrado no decanato de extensão da UFRRJ.

Em meio a estes estudos, surgiu a idéia de se fazer um estágio de vivência na Região Amazônica, que seria a oportunidade dos alunos observarem na prática os conhecimentos adquiridos durante os estudos, além da troca de experiências com aqueles que vivem no ambiente. Desta forma, surgiu a 1ª edição do Estágio de Vivência Ação-Integração: Abordagens Múltiplas na Amazônia Oriental.

Sentindo na pele

O estágio de vivência é visto pelo grupo como a máxima oportunidade de se aproximar da realidade estudada. Bernarda e Nayane, integrantes do GEA que participaram do estágio realizado em 2007, comentam que este tipo de atividade proporciona ao aluno conhecer o dia-a-dia da região, preparando-o, inclusive, para atuar como profissional.

O já citado estágio se deu no ambiente das Casas Familiares Rurais (CFR) e contou com a parceria da ARCAFAR/PA (Associação Regional das Casas de Familiares Rurais) que é uma organização não governamental sem fins lucrativos, atuando



Meninos da comunidade auxiliam estudantes na exploração da região de várzea

Foto: Acervo GEA



Integrantes do CFR-Cametá e estudantes preparam área para plantio

te em vários estados do país e responsável por representar e garantir os princípios filosóficos e metodológicos das CFRs.

O estágio envolveu 17 estudantes de diversos cursos da UFRRJ. Os Alunos foram divididos em equipes para dois municípios do Estado do Pará: Cametá e Igarapé-Miri, a fim de conhecer o modo de viver e trabalhar das comunidades.

As CFRs são associações educativas que adotam a pedagogia da alternância, envolvendo as famílias, os estudantes e uma equipe pedagógica em todo o processo educativo. O intuito é de formar produtores rurais com práticas direcionadas para a realidade local, evitando o êxodo e a falta de expectativas para os jovens.

À primeira vista, o projeto pode parecer mais uma investida da universidade para levar conhecimento acadêmico para essas comunidades, mesmo que distante dos portões da instituição. No entanto, Bernarda e Nayane mostram que a idéia é outra: "nós vamos para observar, e não para intervir na realidade deles". As meninas explicam que, uma vez que não se pode fazer um trabalho com continuidade na região, ficaria difícil construir projetos junto com as comunidades visitadas.

Compartilhando a experiência

No ano seguinte ao estágio, ou seja, agora, em 2008, o GEA preparou e realizou um evento para trazer aos demais alunos da Rural o que aprenderam no mês em que estiveram na região Norte. O seminário teve o nome de "Abordagens Múltiplas na Amazônia Oriental", e ocorreu no salão Paulo Freire, de 8 a 11 de setembro.

O evento foi uma apresentação de tudo o que foi visto e feito pelo grupo junto com as CFRs de Cametá e Igarapé-Miri. O Seminário contou com a participação de dois alunos e um monitor da ARCAFAR/PA. Estes vieram para acompanhar e expor seus pontos de vista sobre a experiência que tiveram com os estudantes da Universidade Rural durante o estágio de vivência.

Tudo isto só veio confirmar para as pessoas que freqüentam periodicamente as reuniões do GEA que o trabalho está sendo feito no caminho certo. O grupo aproveita para convidar toda a comunidade acadêmica para participar de seus encontros. As reuniões acontecem às terças, a partir das 19:15h na sala do Ajuri no Espaço de convivência, próximo ao alojamento. Contatos e informações: geaufrrj@yahoo.com.br 

Esta reflexão fortalece a idéia de que o Estágio visa também a formação de profissionais conscientes de sua participação na sociedade.

"Nossa intenção não é a de impor nossos conhecimentos, mas sim conhecer a realidade e os procedimentos deles. O estágio serviu para entendermos que é incoerente trazer idéias prontas", contam.



Integrante do CFR e estudante retiram peixes do tanque de criação

A Cultura rompe barreiras

Ações do FEAC atraem a atenção da comunidade, além de estimularem a cultura no meio acadêmico.

Estudos, pesquisas, conhecimento, trabalho, festas, chopadas... raramente estes ingredientes seriam esquecidos ao se retratar uma universidade. E isto é mais do que justificável. Tais elementos praticamente caracterizam o ensino superior como um todo, desde seus propósitos até os hábitos mais comuns de estudantes. E a cultura? Pode ela ser inserida no contexto acadêmico?

Acreditando que a pergunta acima possa ser respondida com um sonoro “sim”, o decanato de extensão aposta firme no FEAC - Fórum Permanente de Extensão, Arte e Cultura, que visa difundir cultura dentro dos portões da universidade, não limitando sua “clientela” ao meio acadêmico. Um projeto audacioso, sem dúvida, mas que vem colhendo frutos em pouco tempo desde sua criação.

Tudo começou quando o professor José Cláudio instituiu um grupo

que viesse a discutir o decanato de extensão, de maneira a desenvolver ações direcionadas para a comunidade e com o objetivo de exteriorizar atividades desenvolvidas na universidade. Inicialmente, estabeleceu-se uma discussão entre pouco mais de 40 pessoas, dentre elas professores, técnicos, estudantes e membros da própria comunidade de Seropédica. Este grupo reunia-se na sala do Coral todas as quartas feiras e logo se identificou a necessidade de desenvolver uma atividade que representasse o decanato de extensão por inteiro e de maneira fiel aos princípios estabelecidos.

Inicialmente, foram propostos seminários e feiras de extensão, até que alguém falou em fórum, idéia que foi bem aceita. Assim, surgiu o FEAC. Durante dez meses, trabalhou-se em uma proposta para o fórum, que não foi à frente devido questões internas. Isto gerou um afastamento por parte dos envolvi-

dos, que só se reaproximaram do projeto seis meses depois, já com uma nova proposta, com contribuições de Walter, professor aposentado do departamento de Física desta Universidade.

“Naquele momento, nos reunimos. Eu, Walter, José Cláudio, o ex-aluno Martim e a professora Luciana e discutimos a proposta de criação deste fórum. Ali foi nosso ponto de partida e trabalhamos por quase um ano para que ele fosse construído” conta Orlando Marques, professor do departamento de Biologia Animal e coordenador geral do FEAC.

De lá para cá, diversas outras pessoas se juntaram ao projeto. Desde especialistas em artes visuais a profissionais de música, de produção de vídeos, dança e teatro. Um time completo e versátil, que prosseguiu se reunindo sempre às quartas-feiras, até que, em setembro de 2007, deram início efetivamente às atividades do fórum.



Foto: Acervo: Grupo Musical Carcara

O FEAC contou com a presença marcante do Grupo Musical Carcara



O Grupo Teatro Novo se apresentou na abertura do Fórum, com a peça O Trânsito

Assim, nos dias 26 e 27 de setembro de 2007, foi instalado o FEAC de maneira permanente. Houve uma cerimônia de abertura, com apresentação do coral da Rural e com a presença de colegas de outras universidades, além de autoridades locais. Além da cerimônia, vários outros eventos ocorreram nestas datas: palestras, minicursos, oficinas, artesanatos, exposições de pinturas, orquídeas, apresentações de peça teatral, de coral e shows, especialmente o da banda Reggae B, que contou com mais de mil pessoas na platéia.

Abrindo os portões

Com o tempo, o FEAC entrou na linha de promover atividades acadêmicas, mesclando-as com os eventos culturais. Professor Walter trouxe alguns palestrantes que vieram falar sobre temas atuais. Estes temas foram selecionados com base em uma pesquisa, feita por ele próprio, junto à comunidade de Seropédica. Assim, aconteceram debates a respeito de meio-ambiente, saúde, discriminação e outros assuntos. Também foram realizadas atividades literárias com poesias sendo declamadas no Salão Nobre da universidade.

Nesta mesma época, a secretaria de Cultura e Turismo de Sero-

pédica iniciou uma bem sucedida parceria com o FEAC. Foi por meio desta parceria que se conseguiu organizar um show na praça de Seropédica com a Banda Carcará, em dezembro, encerrando as atividades do fórum no ano. O objetivo era o de aproximar a comunidade das atividades do fórum e da Rural.

Segundo Orlando Marques, cerca de 70% da platéia dos espetáculos (como shows, danças e teatros) eram compostos por pessoas da comunidade, ou seja, de fora dos muros. “Em alguns momentos, tivemos a participação de escolas da prefeitura, mesmo os alunos de cursos noturnos. Professores traziam a turma para assistir aos espetáculos. O propósito do FEAC foi o de romper os muros, trazendo atividades para a comunidade e trazer a cultura para dentro da universidade”, explica o coordenador do fórum.

A Semana de Extensão, ocorrida em setembro de 2008, veio justamente no momento em que o FEAC completou um ano desde sua criação. Houve muitos trabalhos apresentados e que envolveram a comunidade de Seropédica, ratificando a participação da comunidade.

Remando contra a maré

Apesar do inegável sucesso junto à comunidade de Seropédica, o

FEAC convive com as dificuldades de dentro da própria Rural. A primeira delas, diz respeito aos tão enraizados hábitos dos estudantes, que em muito se distanciam das atividades culturais. “Na comunidade universitária, diversas culturas já foram incutidas e construídas. Hoje, a gente tem que disputar espaço e agenda com atividades como chopada e festas que pouco acrescentam culturalmente à vida dos estudantes”, comenta Orlando Marques.

A dificuldade em atrair a atenção dos estudantes, fica pequena, quando o assunto é o apoio da universidade. Determinações superiores que sugerem a não cobrança por ingressos aliadas à constante resposta negativa por apoio financeiro, obrigaram o FEAC a suspender suas atividades artísticas neste momento. Tal decisão advém do fato de não haver como se trazer atrações de qualidade para a universidade, envolvendo artistas profissionais, se não há como pagá-los.

A fim de solucionar esta questão, alguns projetos foram encaminhados para instituições privadas, em busca de patrocínio. Em pauta, um festival de música e outro de cinema, além de um projeto envolvendo xadrez escolar. Infelizmente, nenhum deles teve qualquer resposta até o presente momento.

Analizando a trajetória do FEAC, Orlando Marques reconhece ações repletas de acertos e outras que precisam ser repensadas. Pensativo, ele pondera: “Neste ano, o FEAC me deixou uma reflexão: tentar transformar seu modelo, o que requer uma consulta à comunidade universitária e à comunidade de Seropédica. Precisamos saber de que forma eles esperam a cultura e o quanto estão preparados para recebê-la”.

A julgar pelas palavras do coordenador, podemos saber que o FEAC já estará de volta, com outras atividades e um enfoque ainda mais direcionado aos seus objetivos. “A Semana de Extensão veio nos dar uma injeção de ânimo. O que não podemos é ir contra a via. Precisamos sentar para debater novamente nossas atividades para atingirmos nossos objetivos e propostas”, finaliza. 

Idosos mais Ativos e Felizes

Projeto da Rural proporciona atividades e alternativas de ocupação para idosos em instituições especializadas

Melhorar a qualidade de vida dos idosos e estimular a convivência social entre eles por meio de trabalhos artísticos, manuais e jogos são as principais metas do projeto de extensão "Atividades de Interação Social em Instituições de Longa Permanência para Idosos", do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da UFRRJ. Desde agosto de 2008, a ação está transformando, aos poucos, o dia-a-dia de quem mora em algumas instituições privadas e filantrópicas (de baixo poder aquisitivo) dos municípios de Nilópolis, Itaguaí, e Campo Grande. São cerca de 100 idosos, entre 60 e 90 anos, atendidos por quatro estagiários bolsistas do projeto, que recebem orientação de três professores do curso de Economia Doméstica.

Segundo Maria Emília Santiago Barreto, coordenadora da iniciativa

e professora da disciplina "Representação Social do Idoso", muitas questões comprometem a qualidade de vida das pessoas de terceira idade que moram em instituições de longa permanência, entre elas: o pouco tempo das famílias para se dedicarem aos idosos, a falta de preparo dos asilos para acolher e proporcionar a interação social e familiar e a perda da identidade social, causada pelo distanciamento da família e dos amigos.

Essas questões geram grandes impactos na sociedade, sobretudo porque a quantidade de idosos no Brasil cresce ano após ano. Dados do IBGE revelam que hoje eles já correspondem a 16 milhões e estima-se que, em 2020, totalizem 31,8 milhões. Daí surge a necessidade de promover cada vez mais ações que ajudem no bem-estar físico e mental dos idosos.

"As instituições de longa permanência vêm funcionando como um local de confinamento social e afetivo que torna a velhice sinônimo de preparo para a morte. A maioria delas só se preocupa em alimentar e cuidar da higiene dos idosos, sem oferecer atividades sócio-recreativas ou estimular as relações sociais, que ajudam a retardar a perda de memória conforme estudo do American Journal of Public Health. Isso porque a participação e as interações sociais beneficiam a saúde e o bem-estar", explica a professora Maria Emília.

Para estimular a interação social e a coordenação motora, o projeto organiza nas instituições assistidas atividades como pintura, artesanato com EVA, confecção de objetos a partir de material reciclado, jogos de salão e oficinas de contar histórias, nas quais os idosos têm a oportunidade de relembra fatos de suas vidas e trocar experiências. A relação dos estagiários tanto com os idosos quanto com o pessoal responsável pela assistência nas instituições está sendo fortalecida gradualmente e beneficiando todos os envolvidos. Já que a extensão traz retorno positivo para a qualidade de ensino, ao colocar em prática o conhecimento teórico e tornar o aluno mais experiente para a vida profissional.

"A sociedade precisa se reeducar e tratar o idoso com respeito. Afinal, ele tem direito a carinho, atenção, relacionamento social. Para estimular a memória, realizamos jogos de raciocínio com o intuito de preservar ao máximo o cérebro. Também lemos histórias, pois há pessoas que não conseguem mais ler. Oferecemos todo o apoio possível para elevar a interação entre idosos, nossa equipe e a instituição. Acreditamos que um convívio feliz vai prevenir a depressão, a solidão e doenças ocasionadas pela falta de estímulos cerebrais (Mal de Alzheimer e lapsos de memória)", esclarece. 



Dona Akiles Muniz, com estagiárias da Oficina Resgatando a Memória



Dona Helenice Paiva, desenvolvendo habilidades manuais

Avaliação de Extensão

Neste número, a Revista Extensão conversou com Luís Mauro Sampaio Magalhães, coordenador do Programa “Avaliação de Extensão”. Luís Mauro é docente desde 1989 no Instituto de Floresta da UFRRJ.

Revista Extensão: Quais os objetivos do Programa de Avaliação da Extensão na UFRRJ?

Luís Mauro: A avaliação é um instrumento importante para a sociedade, que passa a ter um meio de acompanhar o trabalho desenvolvido nas universidades, mas também se constitui num instrumento valioso para todos aqueles que estão envolvidos nas atividades acadêmicas. Assim, o desafio é criar um programa que possa ser conduzido com a participação direta e um diálogo permanente com a sociedade e seus representantes, sem esquecer que esta avaliação deve permitir uma reflexão sobre o fazer acadêmico e seu aprimoramento por parte daqueles que estão envolvidos neste trabalho.

Neste sentido se procurou buscar um mecanismo onde quem executa o trabalho avaliado possa participar e ter a oportunidade de se apropriar dos seus resultados para melhorar a sua ação. A nossa proposta de programa partiu de uma concepção onde os que realizam as atividades avaliadas são os principais interessados em conhecer seus problemas, estrangulamentos, soluções e méritos. O objetivo seria o de a comunidade acadêmica criar e se apropriar de um sistema de avaliação das suas atividades de extensão que permitisse a ela fazer a reflexão necessária e melhorar estas atividades cada vez mais.

Além deste objetivo principal, reconhecemos que a universidade hoje se vê sujeita a uma série de sistemas de avaliação externa, por parte do Estado ou de outras instituições, algumas com conseqüências importantes para a UFRRJ. Desta forma, nos marcos da autonomia universitária, consideramos que a criação de um programa de avaliação da extensão da Rural deve discutir e ponderar estes fatores, decidindo que tipo de interlocução pretende estabelecer com, por exemplo, o SINAES.

A idéia é ir um pouco além de uma “adequação” de sistemas de avaliação e fazer que ele seja reflexo do pensamento do corpo universitário. Em vez de adaptar a avaliação externa à universidade, a gente discutirá e criará uma matriz de avaliação adaptada à nossa realidade. E mais, queremos influenciar a matriz trabalhada pelo próprio MEC.

RE: Como se dá este programa?

LM: O Decanato designou uma comissão, com professores de diferentes departamentos, que passaram a preparar uma proposta. Nela uma questão que surgiu e que a comissão decidiu por remeter para a comunidade foi de que a UFRRJ nunca havia discutido o próprio conceito de extensão e que tem conseqüências significativas para o Programa. Como a nossa universidade entende extensão, quais os seus limites e relações com a sociedade e o meio acadêmico?

A Rural nunca parou para discutir o que a própria universidade entende como extensão, que teve, ao longo das últimas décadas, várias concepções. Hoje se entende que envolve um diálogo permanente entre o saber acadêmico e o saber da comunidade. O ideal é que o próprio conhecimento seja sempre resultado desta integração. À medida que este diálogo acontece, ele gera efeitos na pesquisa, no ensino e em toda a atividade acadêmica. Espera-se que esta integração tenha um reflexo. A intenção é que estes projetos de diálogo sejam cada vez mais numerosos. Ao remeter esta discussão, a Comissão propôs um conceito — extensão seria “a relação dialógica entre Universidade e Sociedade, num processo educativo, cultural e científico, que busca uma maior articulação entre o ensino e a pesquisa, bem como contribuir na relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade”. Espera-

mos que estas idéias sejam debatidas e criticadas.

O segundo ponto importante nesta proposta foi o de considerar o Departamento como unidade e como a parte que deveria conduzir e se apropriar desta avaliação. Neste sentido foi sugerida uma agenda que incluísse o tempo para reflexão, a elaboração sobre as atividades feitas por cada unidade e como esta entende que deve ser avaliada. Em seguida as experiências de cada departamento podem ser sistematizadas por representantes, num colegiado mais amplo.

Finalmente, vale reforçar o caráter não compulsório de ingresso de cada departamento. A comissão partiu da premissa de que o interesse maior em aprimorar o trabalho é do próprio departamento e isto levará às adesões de maneira gradativa. A cada dois anos se repetiriam os processos de adesão ao programa, permitindo este ingresso.

No momento atual estas propostas se encontram nos Departamentos.

RE: Na sua experiência, a diversidade de ações de extensão, característica da UFRRJ, poderá ser contemplada neste programa?

LM: Há uma grande variedade de relações entre sociedade e universidade. Algumas são provenientes de demandas específicas da sociedade, muitas vezes ligadas à tecnologia. Mas há outros projetos que criam espaços de integração, que sempre trazem alguma demanda ou solicitação da sociedade com relação ao conhecimento da universidade. Às vezes, a convivência com a universidade aproxima o olhar da sociedade do olhar da universidade. Esta convivência já traz uma troca em que ambos os lados aprendem. Portanto, tanto os projetos de demanda mais dirigida (consultoria, por exemplo) como os demais acabam por desenvolver atividades de

integração que sempre trazem conhecimento para a sociedade, que municiam a sociedade e o meio acadêmico. Na área de agrárias, por exemplo, fica muito mais fácil fazer pesquisas com este contato do que a partir de concepções apenas idealizadas. Há uma enorme gama de pesquisas que podem ficar mais ricas quando se trabalha com a comunidade.

Como exemplo, tivemos um programa nos últimos anos (Outros olhares e Reencantar a Educação), que envolvia grupos de vários departamentos (DTPE-IE, DCA-IF,

DBA-IB, DMAT-ICE, DED e DDAS-ICHS) pessoas de outras universidades (UFRJ), comunidades de diferentes localidades (Marambaia, Volta Redonda) e professores de nível médio e fundamental de Seropédica. Foram desenvolvidos trabalhos interdisciplinares, como teatro, oficinas e palestras. Vimos acontecer o diálogo. Houve retorno. Muitos nos disseram do quanto aprenderam. Por outro lado já participamos de projetos que envolviam demandas direcionadas como, por exemplo, dar um parecer sobre a instalação de parques florestais em muni-

cípio da Baixada Fluminense. Como no caso anterior, ocorreram trocas de saberes; os técnicos aprendem com os grupos sociais envolvidos e estes, que, por seu lado entram em contato com outro tipo de olhar daquela realidade.

Esta diversidade não dificulta a avaliação, quando sua concepção é inclusiva. Como a Comissão propõe uma construção a partir das experiências dos departamentos, se espera que toda a diversidade de situações seja contemplada e avaliada, de acordo com o contexto em que ela se desenvolve na vida real. 

Sistema de Informação de Extensão



O SIEX é o Sistema de Informações de Extensão desenvolvido para atender a demanda de registros das atividades de extensão. Seu principal objetivo é o acompanhamento das ações de extensão durante as fases de planejamento, execução e avaliação. Com base neste sistema, surgiu o SIEX BRASIL, um novo aplicativo, totalmente na versão web, sendo uma iniciativa do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras para divulgação das ações extensionistas universitárias do País.

Na UFRRJ, o SIEX foi implantado em 2006, com o objetivo de registrar todas as ações de extensão. Inicialmente foram oferecidas senhas aos coordenadores das ações para que estes pudessem cadastrá-las e encaminhá-las para aprovação on line, porém devido a dificuldades encontradas pelos usuários, o procedimento foi alterado. Os responsáveis preenchem um formulário, que é entregue ao Núcleo de Informação, Treinamento e Serviços de Extensão, que registra as informações diretamente no sistema.

A consulta a esse rico banco de dados é aberta a toda a comunidade, qualquer pessoa tem acesso, sem a necessidade de cadastro prévio, senhas ou login. Basta entrar no site do SIEX BRASIL, que fica no endereço: www.siexbrasil.renex.org.br/, procurar o link “consultas do menu” e depois é só formular a pesquisa. A instituição hospedeira do SIEX BRASIL é a Universidade Federal de Minas Gerais, tendo como órgãos executores a Pró-Reitoria de Extensão e o Centro de Computação da UFMG. 

Indicadores de algumas ações de extensão cadastradas no SIEX BRASIL na UFRRJ

SIEX BRASIL - UFRRJ		
Cadastrados	Descrição	Total
Comunidades	Professores, Técnicos, Alunos, Externos	607
Projetos	Projetos e Programas	79
Cursos	Iniciação, Atualização, Treinamento e Qualificação Profissional ou treinamento	38
Eventos	Ciclo de Debates, Congresso, Encontros, Espetáculo, Evento Esportivo, Exposição, Festival, Mesa-Redonda, Seminário e Outros	58



Direitos Humanos na Baixada Fluminense



Paulo Cosme de Oliveira
Professor de Direito da UFRRJ - DAT / IM

Neste ano, a Declaração Universal dos Direitos Humanos completará 60 anos. Adotada e proclamada pela resolução nº 217A, da Assembleia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948, a fim de reconhecer a dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis, através do ensino e da educação, bem como promover o progresso social, melhores condições de vida e uma liberdade mais ampla. Além disso, a Declaração erigiu, na linha de Jean-Jacques Rousseau, a liberdade como o elemento fundamental do devenir existencial de todo e qualquer homem.

Também neste ano, comemora-se 20 anos da Constituição de 05/10/1988. A Carta Política se relaciona intimamente com a proteção aos Direitos Humanos, numa visão contemporânea, pela qual valores de igualdade, liberdade e fraternidade se completam.

Considerando que a Constituição Federal de 1988 é o marco, no âmbito jurídico, do processo de democratização do Estado brasileiro, após uma vintena de regime ditatorial; considerando que os direitos constitucionais e políticos foram plenamente resgatados, embora de aplicação ainda gradual, a partir da supra-citada Constituição do Brasil; considerando a vida, a liberdade, a igualdade, a segurança e a propriedade como valores fundamentais esculpidos em nosso Código Fundamental do Estado, no dizer categórico do jurista Carlos Maximiliano, diríamos que houve uma perfeita harmonia entre a Declaração Universal dos Direitos Humanos e a Constituição Federal de 1988.

Não é despidendo enfatizar que a Proclamação Universal dos Direitos Humanos objetiva valorizar a pessoa humana, e isto é precisamente o que o Brasil tem buscado alcançar na ordem interna: a consolidação dos Direitos Humanos, conquistados na estrada da história dos povos.

É sabido que os Direitos Humanos não dirigem as relações entre os iguais. Entretanto, labora intensamente em defesa dos mais necessitados, a fim de mitigar os graves efeitos do desequilíbrio entre as partes. O mais forte julga que dominará para sempre, mas esta não é lição que o mundo nos dá. Jean-Jacques Rousseau já ensinava “o mais forte nunca é bastante forte para ser sempre o senhor, se não transformar sua força em direito e a obediência em dever”.

Constatamos que o caminho para consolidar os Direitos Humanos passa por reivindicações morais, políticas e sociais que, no diálogo contemporâneo, todo o cidadão tem o direito subjetivo, indeclinável de pugnar pela permanência ininterrupta do Estado Democrático Brasileiro.

Neste sentido, Direitos Humanos é matéria de Direito e todo o esforço para valorizar a pessoa humana transcende os limites do Estado, porque revela tema de legítimo interesse internacional conforme a argumentação da professora de Direito Constitucional e Humanos, Flávia Piovesan.

O que é recomendável é o direito de ter direitos. Vale dizer que a nossa Constituição, como norma instituidora de direitos e garantias fundamentais, agasalhou os enunciados de proteção dos direitos humanos.

Todavia, existem aspectos que devem ser considerados, ainda em nossos dias, como falhas de maturidade em nossa experiência jurídica, dado que a nossa República se inaugurou na Constituição de 1891, de autoria do genial Rui Barbosa.

O homem, nos seus anseios para uma vida progressiva e digna, amparado nas garantias fundamentais do Estado Democrático de Direito, vê continuamente os seus direitos desrespeitados por atos de tirania do seu semelhante e do Estado, que falha no seu compromisso de garantir as liberdades fundamentais e a estabilidade social.

O desrespeito aos Direitos Humanos se apresenta de múltiplas maneiras, seja no trato desigual entre os homens ou na falta de compromisso.

Quando temos um sistema educacional cambiante, onde as oportunidades de vida digna são relegadas a um plano secundário, quando os salários dos professores, de profissionais da saúde, da segurança e outros não atendem às perspectivas de uma capacitação permanente e sobrevivência com dignidade, quando a moradia é escassa e desproporcional ao número de nossos filhos, quando os meios de transporte falham, sendo insuficientes às necessidades da coletividade, quando o direito de ir e vir é ameaçado pela agressividade que vem de todos os lados, seja do poder constituído ou paralelo, quando a assistência médica é mínima, rota e terceirizada ao capital, cabe a pergunta: Onde estão a garantia e a salvaguarda dos Direitos Humanos? Aliás, por alguns, equivocadamente entendido como direito de bandidos. Pura falta de conhecimento. Ainda que os ideais preconizados na Declaração das Nações Unidas e da Carta Política de 1988 nos pareçam distantes, já avançamos em muitas áreas.

Deixando de lado as mazelas da sociedade, tais como: o desemprego, a falta de educação, o transporte deficitário, o trânsito caótico, os pardais, os quebra-molas, o esgoto visível, o mosquito da Dengue, a decadência da família e a inércia dos pais na formação de seus filhos, a intolerância com as leis e os bons costumes, a aceitação da prática criminosa, as milícias, o roubo, o furto, a traição, a mentira, a ganância, a inveja, enfim, a concupiscência “raiz e seminário de todos os males humanos”, como nos lembra o escritor Amador Arraiz. Porém, ainda há esperança.

Neste sentido, é bom lembrar que, na Baixada Fluminense, grandes projetos estão surgindo para intensificar com a prática dos Direitos Humanos. Entre eles, podemos citar o novo campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em Nova Iguaçu. Espaço destinado à educação e formação do cidadão, principalmente da Baixada, região de um potencial enorme e que compreende um expressivo contingente populacional, ávidos por oportunidades que uma Universidade com a chancela pública, com ensino de qualidade e gratuito pode oferecer. Um desafio, que já é sucesso, que foi aceito pela alta direção da Universidade Federal do Rio de Janeiro, repetindo os antigos romanos que abriam estradas para agregar valores, o progresso, a civilidade e a ordem democrática. O futuro na Baixada Fluminense já começou.



Campanha Publicitária: Nildo Marques e Saete Peña

Pátio interno do Instituto de Química

Nosso saber está na natureza.